

Apresentação

Marcelo Augusto Totti

Como citar: TOTTI, M. A. Apresentação. *In:* TOTTI, M. A.; CZAJKA, R. (org.). **Intelectuais, cultura e pensamento social no Brasil.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 7-12.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-056-3.p7-12>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

APRESENTAÇÃO

As pesquisas no campo do pensamento social brasileiro, como linha de pesquisa que integra a área de sociologia, há muito tem um espaço importante e necessário nos Programas de Pós-Graduação, nos eventos científicos e na ampliação do escopo dos trabalhos de pesquisa. São consolidados os Grupos de Trabalho sobre Pensamento Social Brasileiro junto à Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e à Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), que contam tanto com os chamados “estudos clássicos”, que possibilitam desnudar diferentes aspectos da realidade brasileira, mas também com a ampliação temática e recomposição metodológica, abrindo novas frentes de pesquisa para a sociologia. Nesse sentido, pesquisas no campo do pensamento social abarcam não apenas a história intelectual das ciências sociais, mas constituem uma tradição e uma “linhagem” capaz de refletir sobre a estrutura social do país e suas contradições formativas.

Por isso, o fortalecimento da linha de pesquisa contribuiu com a autonomia de produção e diversificação dos temas e objetos abordados por cientistas sociais que, como podemos observar na leitura dos capítulos que compõem esse livro, não se restringem aos métodos tradicionais já consagrados pelos estudos dos “clássicos”, mas propõem um redesenho do campo de pesquisa, estabelecem novos vínculos com outras áreas de

conhecimento e possibilitam uma relação metodológica profícua com as investigações nas áreas da história, filosofia, educação, literatura e as artes.

Entretanto, vale frisar que esse abordagem não resulta de um consenso. O processo de renovação e ampliação temática – que inclui também a proposição de novos objetos e construção de problemas originalmente estranhos ao pensamento social – tem sido um movimento gradual que coincidiu (e ainda coincide) com a consolidação da sociologia no Brasil, a partir da segunda metade do século XX; e os recortes metodológicos de cunho nacional, bem como as contribuições de outras áreas foram e continuam a ser objeto de inúmeros debates. A exemplo da conhecida polêmica surgida no I Congresso Brasileiro de Sociologia, em 1954, entre Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes, que deu mostras dessa relação entre uma sociologia com métodos adequados à realidade nacional comparada a outra que concebe os métodos como instrumentos universais e passíveis de serem aplicados em conjunturas específicas, guardadas as devidas particularidades de cada região. Aliás, polêmica longe de chegar a um ponto pacífico e que levou Renato Ortiz a chamar conceitualmente a “sociologia com seus diversos sotaques”.

Nesse sentido, falar em Pensamento Social no Brasil hoje tem impellido pesquisadores a expandir os limites teóricos e metodológicos da sociologia na busca de uma abordagem mais pormenorizada do trabalho intelectual, artístico, da militância cultural e da chamada arte engajada. Isto é, além de empreender análises em torno das “teorias do Brasil”, as pesquisas sobre pensamento social têm voltado a atenção sobre as condições diversas nas quais essas “teorias” foram lidas, interpretadas e colocadas em debate, seja por intelectuais ou pelos movimentos sociais aos quais eles estavam atrelados.

E corroborando com o propósito ensejado pelas históricas Jornadas de Ciências Sociais, realizadas pelo Curso de Ciências Sociais da Unesp de Marília há alguns anos, marcou época aquilo que ficou conhecido como “teorias do Brasil”, com debates intensos sobre intérpretes do pensamento social e da realidade brasileira. Em vista desse legado das Jornadas, faltava ao Laboratório Editorial da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília a edição de um trabalho que abordasse essa temática. Foi quando o Grupo de Pesquisa “Intelectuais, Esquerdas e Movimentos Sociais” (CNPq) reuniu um conjunto de colaborações e reflexões de vários pesquisadores.

Inseridos com suas pesquisas no campo do pensamento social e sua relação com a cultura, as artes nesta coletânea contribuem para uma análise crítica da intelectualidade e de sua atuação política no espectro político da esquerda.

O leitor constatará que o livro está organizado em duas seções. A primeira, intitulada “Sociologia e pensamento social na concepção dos intelectuais de esquerda” e fundamentalmente versa sobre as bases teóricas do pensamento social no Brasil e sua relação com uma sociologia engajada, transformadora e sintonizada com pensamento político de esquerda.

O capítulo de Marcelo Augusto Totti, “Sociologia e socialismo nos marcos dos Parceiros do Rio Bonito” trata da contribuição de Antonio Candido à formação da sociologia brasileira e sua relação com as ideias socialistas. O autor retoma a trajetória de Candido, sua amizade com Florestan Fernandes, sua participação em grupos de oposição ao Estado Novo até adesão ao Partido dos Trabalhadores e destaca a importância do livro *Parceiros do Rio Bonito* e a influência de Marx na obra.

Marco Antonio Rossi em capítulo intitulado “Leandro Konder, um senhor dialético” tematiza sobre a importância da dialética no interior do pensamento marxista. Ao enfatizar a dialética no Konder como revigoramento do marxismo, o autor destaca a trajetória de Konder, suas influências e debates com as correntes dogmáticas do marxismo e como a dialética abre a possibilidade de compreender a realidade e possibilitar a construção de uma teoria revolucionária.

O capítulo seguinte, de autoria de Flávio Mendes, “Um ornitorrinco no pensamento social brasileiro: a trajetória do sociólogo Francisco de Oliveira” discute o percurso intelectual de Chico de Oliveira, as dificuldades de sua formação acadêmica marcada pelo provincianismo não foram impeditivas para alicerçar sua interpretação do Brasil. A curta e rica experiência na Sudene ceifada pelo golpe civil/militar, a passagem pela Cepal até ser convidado a trabalhar no Cebrap e publicar a *Crítica da razão dualista*, em 1972, quando conquista reconhecimento dentro do Centro, o engajamento pela redemocratização nos anos 1980, da esperança à crítica aos movimentos sociais e ao partido dos trabalhadores, o combate ao neoliberalismo, fazem parte do itinerário traçado por Flávio Mendes, destacando algo sempre permeou o pensamento de Chico de Oliveira: o desenvolvimento como centro do debate nacional.

Em “Teoria crítica à brasileira: Roberto Schwarz entre passado e presente”, de autoria de Fabio Mascaro Querido propõe uma análise sobre a trajetória de Roberto Schwarz desde sua origem familiar de posição de esquerdas até ser convidado a participar do seminário Marx e sua mudança para o campo da crítica literária. Ao contrário do que convencionalmente é denominado de uma sociologia dos intelectuais que privilegia a biografia dos autores, aqui o leitor debruçará sobre as relações entre a conjuntura histórico-social e as lutas culturais, políticas, intelectuais e as mudanças de visão de mundo sofridas por Roberto Schwarz.

Fechando essa primeira parte, Anderson Deo, com o capítulo “O Sentido da Colonização e a contribuição de Caio Prado Júnior à Revolução Brasileira”, analisa a conceito de sentido da colonização descrito em *Formação do Brasil Contemporâneo-Colônia* como forma ideocategorial da particularidade do capitalismo brasileiro. Esse ponto é fundamental para entender a forma como o capitalismo brasileiro está engendrado dentro das tramas do capitalismo mundial, baseado nas teses lukacsianas das relações entre universal e particular, o autor nos mostra como as teses caiopradianas oferecem uma importante visão sobre o caráter periférico e subordinado de nossa formação econômica.

Já a segunda parte da obra, denominada “Teoria social e militância política na formação das esquerdas culturais” visa ampliar os temas e objetos no campo do pensamento social. Textos que demonstram uma preocupação com a abrangência do escopo de pesquisa, possibilitando uma interseccionalidade entre sociologia dos intelectuais, sociologia da cultura e história das ideias. O capítulo que abre essa seção de autoria de Rodrigo Czajka, intitula-se “Intelectuais pela liberdade: cultura, política e o delito de opinião na ditadura militar brasileira”. Neste capítulo o autor aborda a atividade intelectual do editor Ênio Silveira (proprietário da Editora Civilização Brasileira) e analisa como sua atuação política, na condição de militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), produziu condições para a formação de uma rede de intelectuais de esquerda em torno da sua casa editorial.

Maria Ribeiro do Valle em “Hannah Arendt em detrimento da questão social: algumas considerações sobre a repercussão de sua obra na esquerda brasileira” analisa a obra da filósofa contextualizando o ponto de partida de suas argumentações a partir da crítica da Revolução

Francesa e enaltecimento da Revolução Americana. A sua recusa à tradição hegeliana-marxista, a crítica ao contexto de protesto nos anos 1960 e a repercussão de sua obra no âmbito acadêmica brasileiro são a tônica do ensaio de Maria Ribeiro.

Em “Brasilidade e modernidade em foco: visões sociais do Brasil no Cinema Novo e no cinema paulista dos anos 1960 e 1970”, Caroline Gomes Leme investiga as diferentes fases do Cinema Novo paulista e o cerne do debates ao qual estava inserido em torno da chamada questão nacional, com a abordagem de determinada fração do cinema dos “paulistas do entre-lugar” que, menos centrada no “povo” e na “nação”, apresenta perspectiva crítica em relação à modernidade urbana capitalista

No capítulo intitulado “Impasses ideológicos e memória estudantil no cinquentenário da obra *O Poder Jovem* de Arthur José Poerner”, Thiago Bicudo Castro toma como objeto a obra *O Poder Jovem* de Poerner. Essa obra analisada por Thiago Bicudo traz elementos importantes para refletir sobre a memória do movimento estudantil, de grande importância na década de 1960 a obra em tela teve enorme ressonância e amparo dentre membros da UNE.

Encerrando a segunda parte da obra, o capítulo “Os efeitos da modernização agrícola implantada pelos militares pós-64: a proletarização do trabalhador rural e o acirramento dos conflitos no campo”, de autoria de Vitor Machado, discute o que denomina de modernização agrícola implementada pelos militares impulsionada pela financeirização do processo tecnológico no campo em detrimento de uma agricultura camponesa de pequeno porte. Tal fato ampliou os laços com o capital externo criando complexo agroindústrias e impulsionando a proletarização do homem do campo como o êxodo rural amplificando os conflitos de terras, a desigualdade e a condição de miserabilidade do homem do campo.

Marcelo Augusto Totti
Rodrigo Czajka
(Organizadores)

